



**Bob Dylan**  
**Highway 61 revisited**

**mojo**  
BOOKS

RECONTADO POR  
**GIAN RUFATTO**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Bob Dylan  
**HIGHWAY 61 REVISITED**  
recontado por  
**GIAN RUFATTO**

---

AGOSTO DE 2008  
VOLUME 71

**MOJO**  
BOOKS

---

Bob Dylan  
**HIGHWAY 61 REVISITED**

recontado por  
**GIAN RUFATTO**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

## BOB DYLAN HIGHWAY 61 REVISITED



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Like a rolling stone
2. Tombstone blues
3. It takes a lot to laugh, it takes a train to cry
4. From a Buick 6
5. Ballad of a thin man
6. Queen Jane approximately
7. Highway 61 revisited
8. Just like Tom Thumb's blues
9. Desolation row

---

## BOB DYLAN HIGHWAY 61 REVISITED

LANÇAMENTO: **1965**  
SELO: **COLUMBIA RECORDS**

---



## **HIGHWAY 61 REVISITED**

“Como você se está se sentindo?”

Muito tempo havia se passado desde a última vez em que alguém lhe perguntou como estava se sentindo com alguma intenção sincera de saber. Enquanto ainda tentava secar o corpo encharcado da chuva em frente ao único espelho da casa, fazia-se a mesma pergunta com ar de desilusão. E como chovia nesta altura da vida, tanto que já se tinha se acostumado a eterna sensação de andar com os pés molhados. Seu terno já nem se dava ao trabalho de secar, visto que logo retornaria ao varal umedecido, esperando pelo dia que também fosse forçado a visitar o brechó da esquina como seu antigo colega “rainy days” e quase tudo que um dia já figurara pelo quarto.

Quase que precisamente às 23 horas abriu a porta do apartamento #12e35. Não havia ninguém em casa, entrou e foi logo procurando pelo pó de café, vício que nos últimos tempos o consumia vorazmente, bastavam duas ou três horas sem café para que começasse a agir como um *junkie* maluco por um pico. Enquanto o café passava, estendeu o terno velho no varal, arrancou as botas, jogou a calça no cesto e vestiu as roupas limpas que estavam no lugar onde estendeu seu terno. Os dias se repetiam e

acordar cedo habitualmente estava mais próximo de uma doença do que propriamente disposição. Levantava, andava pela casa, fazia seu café, comia seu doce, depois sentava e “batia” o milhar diário de seu romance. Não raro se entediava com a estupidez e inutilidade de seus textos e saía procurar um emprego de homem. No caminho visitava seus amigos na biblioteca. Todos aqueles livros, aqueles poetas, eram melhor companhia do que toda essa gente que se acumulavam pelas ruas, igrejas, praças, bares. Desde que renunciara a essa gente pequena de olhos tristes e problemas pequenos, sua vida tornara-se simples. Mas quando ele se olhava de fora, aquele cara ali, molhado, sujo, duro, aquele clichê do que falta em um homem, emergia a pomposa “falta de amor”, amor que nem precisava ser como aquele que pensara na adolescência e que, concluiu, nunca ter existido. “Entrar em casa, cansado, sujo da rua e ouvir da sua companheira ‘querido, como foi seu dia?’ apenas isso seguido de café, algum carinho e palavras verdadeiras...”. Quando dizia isso usava como argumento o fato que até Dylan preferiu o sossego do lar depois de 1966 quando o resto do mundo estava enlouquecendo. Hoje, porém, como uma garota de um filme dos anos noventa, se contentaria com alguém que lhe dissesse “saúde...” para quando espirrasse.

A xícara de café finalmente entre as mãos, pôs-se a ler *Morangos mofados* e a pensar numa maneira de abreviar o nome do escritor. Não importava, era apenas um bom livro que ficava melhor quando ganhava cores pessoais. Com passagens extremamente familiares a ele, frases como “havia

uma biblioteca de Alexandria entre nós...” que resumiam boa parte de seus relacionamentos. “Queen Jane approximately” ecoava pelo apartamento como em uma de suas histórias preferidas. Bob Dylan era o tipo de resposta ressentida que toda mulher deveria ouvir. Assim como todo mundo sabe o que as mulheres querem quando estão a fim de ver filmes melosos, Bob Dylan era guardado para aqueles dias em que desejava que alguém, em algum lugar, estivesse se fodendo, ou pelo menos pior que do que ele. Se há uma verdade sobre homens e mulheres, é que elas nunca estão piores que eles, mas pensar que sim nos faz tomar um bom café e sair para ver outras mulheres.

“Queen Jane” obviamente tinha um significado pessoal que em nada tinha a ver com a letra. Não gostava quando alguém dizia que todas as suas conversas eram pontuadas por músicas. Talvez fossem, mas as canções são derivações da vida e era sobre isso que falava sempre, sobre vida ou o que restava dela. *Highway 61 revisited* era como um vinho guardado para aquele momento de profunda reflexão, aquele momento em que nenhuma dúzia de palavras fará uma resposta melhor que a embriaguez. Assim como o vinho as doses de *Highway* haviam se reduzido ao *status* que normalmente as pessoas dão àqueles álbuns de fotos de uma época que não gostamos de lembrar. Isso fazia do ato de colocar o vinil para tocar totalmente compreensível, recentemente havia visto uma fotografia atual de uma garota por quem já estivera realmente louco até um tempo atrás.

O tempo havia andado para ambos e aquela história de que o relógio é amigo do homem e inimigo da mulher era uma tremenda mentira. O relógio dele pelo menos fazia amigos e conquistava pessoas, mas não o deixava mais novo. Cada vez mais velho, cada vez mais ranzinza, cada vez mais próximo do fim ou de Bob Dylan nos anos 80. Bla, bla, bla. Ela, após todos esses três anos, ainda aparentava se esforçar para manter o ar “sou uma mulher européia”, mas que esteve sempre mais pra “mulher de europeu” do que qualquer outra coisa. A maquiagem não havia mudado. Estava apenas mais carregada perto dos olhos. O cabelo ainda estava penteado à força para o mesmo lado, três dedos mais compridos, o que deveria significar pelo menos duas horas de trabalho árduo. Para ele, era engraçado que ela nunca sorrisse como uma pessoa normal, porque suas bochechas formavam uma bolsa perto da boca como se fosse um queixo duplo e isso o tempo realmente havia piorado, mas era o único sinal de que outras pessoas além dele haviam envelhecido.

O que o incomodava era o fato de que entre as pessoas que o rodeavam, nunca conseguia encontrar alguém que fornecesse aquele tesão visual que sentia pela mulher da foto. Mulheres mais lindas; mais lindas e mais gostosas; mais lindas, mais gostosas e mais talentosas e bem, haviam todas as outras por ali e nenhuma delas o completava, não da maneira como *Highway 61 revisited* o fazia se sentir completo. Era mais um belo exemplar do clichê masculino em carne, osso e *jeans*. É claro, houve outras possibilidades antes

e depois de Highway. “Bringing it all back home”, “Tupelo honey”, “Born to run”, “Nebraska”, uma recaída por *Blood on tracks* e recentemente uma tímida paixão por “Summerteeth”. Todos esses momentos tiveram suas áreas erógenas diferentes, em maiores e menores intensidades. A humanidade sempre lida com alguma dificuldade quando se trata de momentos únicos, e aquele foi seu momento, mais ou menos como a sensação de ver e ouvir *Live 1966*, uma vida inteira captada pela lente fotográfica da eternidade. Ele tinha o seu e ela fazia parte desse momento. Às vezes, se imaginava como Dylan e Susan Rotolo na capa de *Freewheelin’ Bob Dylan*. Imagine se Dylan encontrasse Susan anos depois e lembrasse de que a capa que eternizaram, na verdade era a Polaroid que captou o fim do romance. Todo mundo sabe que Susan posou a contragosto para a capa do disco que equivocadamente virou sinônimo de romance perfeito num filme moderninho da virada do século.

Ele sabia de tudo isso quando encarou aquela fotografia de sua antiga amante. Sabia que Dylan não aprovaria tanta reflexão e tanto tempo gasto sobre uma pessoa do passado, ao contrario de Bruce Springsteen, sempre acaba voltando para encontrar alguma garota de sua adolescência e descobre que ela foi embora, então passa uma canção inteira lamentando e se desculpando para com ela. Dylan diria que Bruce sempre foi muito coração mole e que seus personagens são uns frouxos que nunca conseguem ficar com as garotas no final. Quando perguntado sobre o que fazer com as fo-

tografias, Dylan provavelmente diria “dê à sua mãe e diga pra se contentar com isso...”. Resposta polida de um cara que mentiu ser órfão e criado por ciganos num circo, enquanto Bruce diria “calma, tome seu café, ligue para ela, pergunte como está sendo sua vida...”.

Dylan e Springsteen não eram referências, um ficou casado durante anos com a mesma mulher e quando o casamento acabou fez um disco de muito sucesso sobre o divórcio. O outro casou num ano e se separou no outro e fez um de seus piores discos sobre o divórcio. Aliás, ele bem sabia que Bruce e Bob não fizeram um disco bom do momento em que ele nascera até completar quinze anos. Então, perguntar o que fazer para eles equivaleria a perguntar para sua mãe ou para a mãe da mulher na fotografia — pessoas cuja fortaleza dos relacionamentos ficou lá atrás em mil novecentos e oitenta e pouco.

Não, ele não pensava há muito tempo naquela mulher, há pelo menos dois anos, desde que mudara de cidade, de amigos e quase casou. Pouco soube dela. Quando encontrava alguém idiota o bastante para cair no assunto como se não houvesse passado dois anos, as informações eram, no máximo, depreciativas como “continua trocando de namorado a cada quinze dias” ou “ainda pensa que tem dezoito anos” e sobre o fato dela continuar a mesma crente e fumante de merda que sempre foi. “Tão católica quanto um crucifixo”, a piada que ele inventara sobre aquele pedaço de pau que carregava no pescoço. O que dela lembrava agora era isso, “sua-pseudo-paty-

drogadinha-de-merda-filhinha-do-papai-com-crucifixo-no-pescoço”.

Duas horas depois de ter entrado em casa com os pés encharcados, aquela maldita fotografia de jornal continuava na cabeça. Eram três pessoas: ela e dois homens; um aparentando ter mais de cinquenta anos e outro com cara de estudante. Certa vez, soube que quase todos os amigos que ela possuía haviam se distanciado e depois disso não soube mais nada até a fotografia do jornal. O choque de reconhecer aquele rosto fez com que acabasse não lendo o texto, nem sequer a legenda da fotografia. Uns dois minutos gastos sobre a imagem e não quis saber de mais nada neste dia, ou melhor, tentou dormir, mas não dava pra fazer isso com Bob gritando para Jane que venha vê-lo. Encarando o terceiro como de café da noite, inconscientemente traçou uma teoria sobre aquelas três pessoas. Um: conhecia o pai dela e não era seu pai, aquele senhor de mais de cinquenta anos. Dois: ela agora pegava garotinhos? Deus, o que houve com essa mulher para que agora ela estivesse pegando caras com cara de estudante de engenharia. Três: seriam colegas? Aqueles rostos não diziam nada, pessoas que definitivamente nunca havia visto. Enquanto especulava o que teria acontecido de importante nesses três anos que viesse a culminar com ela numa fotografia de jornal, virou o disco para o lado A, novamente encontrando o épico “Like a rolling stone” e uma latente possibilidade de passar a manhã seguinte procurando o jornal de ontem nas bancas da cidade.

A maioria das pessoas tende a pensar que quase tudo o que se escreve

e se canta por aí é direcionado a alguém, mas quase sempre é o que o autor quer que pensem. Afinal quantos Jones existiam no mundo quando Dylan compôs “The ballad of thin man”? Um milhão? Dez milhões? Enfim, talvez em algum lugar deste mundo, “Jones” e “Jane”, suas canções preferidas, respectivamente lado A e B, estivessem abraçados enquanto ele estava ali, andando com os pés molhados e a calça nas mãos. Seu consolo, depois de todo esse tempo ouvindo Dylan, é que chegara à conclusão de que essas canções só faziam sentido na voz do velho Bob e que, por mais que Jane estivesse por aí em fotos de jornal, no quarto e na cama de seus amantes — enfim, no inconsciente de toda uma nação melancólica —, era pela versão original que sentia alguma coisa.

Aos poucos a memória foi sendo regurgitada, desencavando coisas que só um bom exercício de regressão faria uma pessoa lembrar. Quando aquela mulher foi embora, a primeira edição de *Blonde on blonde* foi junto e ele não comprou outra copia por dois motivos.

Motivo um: se um dia aquela mulher voltasse e com ela o disco, haveriam dois discos pela casa e com eles a decepção em saber que a versão remasterizada acabou com o impacto das canções. Seria o equivalente a descobrir que aquela garota, agora mulher, se tornara uma versão super-produzida e/ou recauchutada do que era e, o mais importante, não-compatível com o nosso tempo.

Motivo dois: nunca mais quis ouvir *Blonde on blonde*. Nem voltou a usar

seu terno “rainy days” que um ano depois dela ter ido embora foi parar no brechó da esquina. E nesse motivo, haveria dois sub-motivos. Primeiro: era o disco que ela mais gostava de Dylan. Logo que terminaram o relacionamento, nos primeiros dias acabou achando uma versão em mono do disco, raridade, e pensou em dar a ela em memória ao tempo que passaram juntos, mas eram 160 contos de investimento inútil. Segundo: quando ela decidiu ir embora, disse ironicamente que levaria só uma única fotografia dele, a capa de *Blonde on blonde*, porque era assim que ela o conhecera e gostava de lembrar. E ele, após algum tempo, concluiu que não conseguiria conviver diariamente com o fantasma do que ele era, ou do que aquela mulher achava que ele era. Bem, ela, a esta altura da idade, estava como naquela canção, achando que virou uma mulher, mas na verdade ainda era só uma garotinha.



**MOJO**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)